

Fall
8229719
1

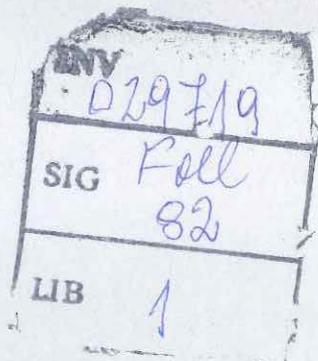
A abeija preguiçosa

Horacio Quiroga



Mercosur lee

URUGUAY



"La abeja haragana" de Horacio Quiroga
en *Cuentos de la selva*, Editorial TaTeTi, Uruguay, 1969
© Horacio Quiroga
Selección: *Ministerio de Educación de Uruguay*

Traducción al portugués: Laura Berchansky
Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Micaela Bueno sobre ilustraciones de Rocío Arozarena
Ilustraciones: Rocío Arozarena
Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075
campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

A ABEIHA PREGUIÇOSA

HORACIO QUIROGA

Havia uma vez, em uma colméia, uma abelha que não queria trabalhar, ela percorria as todas as árvores para pegar o suco das flores; mas em lugar de conservá-lo para transformá-lo em mel, ela o bebia todo.



Era, pois, uma abelha preguiçosa. Todas as manhãs, quando o sol esquentava o ar, a abelhinha olhava pela porta da colméia, via que havia tempo bom, penteava-se com as patas, como fazem as moscas, e saía a voar, muito contente pelo belo dia. Zumbava feliz, de flor em flor, voltava para a colméia, e saía novamente. E assim passava o dia inteiro,

enquanto as outras abelhas trabalhavam muito para encher a colméia de mel, porque o mel é o alimento das abelhas recém nascidas.

Como as abelhas são muito sérias começaram a se aborrecer com o comportamento da irmã preguiçosa. Na porta das colméias sempre há algumas abelhas que ficam vigiando para que nenhum bicho entre. Geralmente, as abelhas guardiãs são muito velhas e com muita experiência de vida. Elas têm as costas nuas porque perderam todo o pêlo ao esfregarem seus corpos com a porta da colmeia.

Um dia, então, pararam a abelha preguiçosa quando ia entrar, lhe dizendo:

-Companheira, é necessário que você trabalhe porque todas nós abelhas devemos trabalhar.

A abelhinha respondeu:

-Eu ando todo o dia voando, e me canso muito.

-Você não tem que se cansar muito -responderam-, mas precisa trabalhar um pouco. É a primeira advertência que a gente lhe faz.

E dizendo isso a deixaram passar.

Mas a abelha preguiçosa não aprendia. Então, na tarde seguinte, as abelhas que estavam de plantão lhe disseram:

-Vai trabalhar, irmã.

E ela respondeu:

-Qualquer dia eu vou!

-Não é questão que você trabalhe um desses dias -lhe responderam- você deve ir trabalhar amanhã mesmo. Lembre disso.



E a deixaram passar.

Ao anoitecer seguinte aconteceu o mesmo. Antes que as abelhas guardiãs disseram algo, a abelhinha exclamou:

-Sim, sim, irmãs! Eu me lembro da minha promessa!

-Não é questão de você se lembrar do prometido -lhe responderam-, mas você precisa trabalhar. Hoje é 19 de abril. Pois bem, desde que amanhã de manhã, 20, você traga pelo menos uma gota de mel.

Dizendo isto, se afastaram e a deixaram entrar.

Mas o dia 20 de abril passou em vão, como todos os demais.

Com a diferença de que, ao cair do sol, o tempo ficou ruim e um vento frio surgiu.

A abelhinha preguiçosa voou, apressada até a colmeia, pensando no quentinho que devia estar lá dentro. Mas quando quis entrar, as abelhas que estavam de plantão a impediram.

-Você não entra! -lhe disseram, com frieza.

-Eu quero entrar! -implorou a abelhinha-. Esta é a minha colmeia.

-Essa é a colmeia de umas pobres abelhas trabalhadoras -lhe responderam as outras-. No há vaga para as preguiçosas.

-Amanhã vou trabalhar! -insistiu a abelhinha.

-Não existe o amanhã para as que não trabalham -responderam as abelhas, que conhecem muita filosofia.

E dizendo isto a empurraram para fora.

A abelhinha, sem saber o que fazer, voou mais um pouco; mas a noite chegava e estava tudo escuro. Ela quis proteger-se com uma folha, mas caiu no chão. Tinha o corpo inchado pelo ar frio, e não conseguia mais voar.

Então arrastou-se pelo chão, subindo e descendo dos pauzinhos e pedrinhas, que pareciam montanhas, ela chegou na porta da colmeia, no momento em que as frias gotas de chuva começavam a cair.

-Meu Deus! -implorou a abelha desamparada-. Vai chover, e vou morrer de frio.

E tentou entrar na colmeia.

Mas novamente lhe fecharam o passo.

-Desculpe! -gemeu a abelha-. Me deixe entrar!

-Já é tarde -lhe responderam.
-Por favor, irmãs! Estou com sono!
-Já é tarde.
-Companheiras, peço piedade! Tenho frio!
-Impossível.
-Por última vez! Eu vou morrer!
Então lhe disseram:



-Não, você não morrerá. Aprenderá, em apenas uma noite, o que é o repouso ganhado com o trabalho. Vai embora.

E a mandaram embora.

Então, tremendo de frio, com as asas molhadas e esbarrando no chão, a abelha se arrastou, se arrastou até que, dando voltas, caiu num poço, melhor dito, no fundo de uma caverna.

Achou que nunca fosse parar de descer. Finalmente chegou ao fundo, e encontrou-se ante uma víbora, uma cobra verde de costas cor tijolo, que a olhava enrolada e pronta para lançar-se sobre ela.

Em verdade, aquela caverna era um buraco de uma árvore que haviam transplantado um tempo atrás, e que a cobra havia escolhido de cova.

As cobras comem abelhas, elas gostam muito de abelhas. Por isso a abelhinha, ao enfrentar-se com sua inimiga, murmurou, fechando os olhos:

-Adeus, vida! Esta é a última luz que eu vejo.

Mas, surpreendentemente, a cobra não a devorou, mas lhe disse:

-Como vai, abelhinha? Você não deve ser muito trabalhadora para estar aqui nestas horas.

-É verdade -confessou a abelha-. Não trabalho, e eu tenho a culpa.

-Sendo assim -continuou a cobra, brincalhã-, vou extinguir do mundo a sua raça. Vou te comer, abelha.

A abelha, tremendo, exclamou:

-Não é justo isso, não é justo! Não é justo que a senhora me coma só por ser mais forte. Os homens sabem o que é a justiça.

-Ah!, ah! -exclamou a cobra, enrolando-se rapidamente-. Você conhece bem os homens? Você acha que os homens que roubam o mel de vocês, são mais justos, sua tonta?

-Não, não é por isso que tiram o mel -respondeu a abelha.

-E qual é o motivo, então?

-Porque são mais inteligentes.

Isso disse a abelhinha. Mas a cobra começou rir, gritando:

-Que bom! Com justiça o sem ela, eu vou te comer.

E foi para atrás, para lançar-se sobre a abelhinha. Mas a abelhinha exclamou:

-A senhora faz isso porque é menos inteligente que eu.

-Eu menos inteligente que você, garota? -riu a cobra.

-Pois é -afirmou a abelha.

-Muito bem -disse a cobra-, vamos conferir o que você disse. Vamos fazer duas provas. Quem realizar a prova mais estranha, ganha. Se eu ganhar te como.

-E se ganho eu? -perguntou a abelhinha.

-Se ganha você -disse sua inimiga-, tem o direito de passar a noite aqui ate que o dia clarear. Você concorda?

-Aceito -respondeu a abelha.

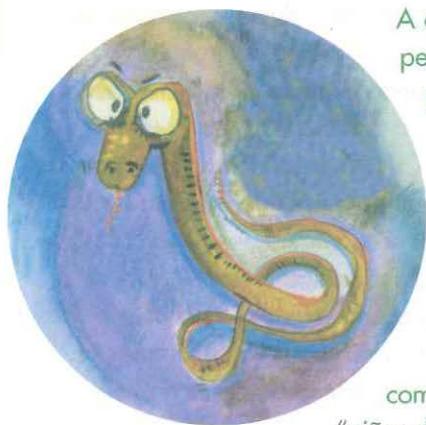
A cobra começou rir novamente, pois havia pensado uma prova que a abelha nunca poderia realizar.

Saiu um instante, tão rapidamente que a abelha não teve tempo de fazer nada. E voltou trazendo algumas sementes de eucalipto, de uma árvore que estava ao lado da colmeia e lhe dava sombra.

Os rapazes brincam com as sementes como se fossem piões e as chamam de "piões de eucalipto".

-Isto é o que vou fazer -disse a cobra-. Olhe bem, atenção!

E envolvendo o rabo em volta do pião, como se o rabo fosse um fio, o desenrolou rapidamente, foi tão ligeiro que o peão ficou girando como um louco.



A cobra ria com vontades. Jamais uma abelha fez nem poderá fazer girar um peão. Mas quando o peão, que havia ficado dormido girando, como acontece com os peões de laranjo, caiu no chão, a abelha disse:

-Essa prova é muito linda, nunca vou conseguir fazer isso.

-Então, posso te comer -exclamou a cobra.

-Um momento! Eu não posso fazer isso; mas faço uma coisa que ninguém faz.

-O que é que é isso?

-Sumir.

-Mas como? -exclamou a cobra pulando, surpresa- Sumir sem sair daqui?

-Sem sair daqui.

-E sem se esconder na terra?

-Sem me esconder na terra.

-Pois bem, faça isso! E se não consegue sumir, então eu como você -disse a cobra.

Acontece que, enquanto o pião girava, a abelha teve tempo de examinar a caverna e havia visto uma planta que ali crescia. Era um arbusto, parecido com erva daninha, com grandes folhas do tamanho de uma moeda de dois centavos.

A abelha aproximou-se da planta, tomando cuidado para não tocá-la, e disse assim:

-Agora é minha vez, senhora Cobra. A senhora vai me fazer o favor de virar, e contar até três. Quando eu diga "três", procure-me, eu não estarei mais aqui!

E assim foi como aconteceu. A cobra disse rapidamente:

"um..., dois..., três", virou-se e abriu a boca surpresa: não havia ninguém. Olhou de cima abaixo, em todas as direções, revistou todos os cantos, a planta, examinou todo com a língua. Inútilmente pois a abelha havia sumido.

Então a cobra entendeu que se bem a prova do pião era muito boa, a prova da abelha era, simplesmente, extraordinária. O que havia acontecido com a abelha? Onde ela estava?

Não podia encontrá-la.

—Está bem! —exclamou—. Você ganhou. Onde você está?

Uma voz que apenas se ouvia —a voz da abelhinha— saiu do meio da cova.

—Não vai me fazer nada? —perguntou. Posso acreditar no juramento da senhora?

—Sim —respondeu a cobra—. Eu juro. Onde você está?

—Aqui —respondeu a abelhinha, saindo dentre uma das folhas fechadas da planta.

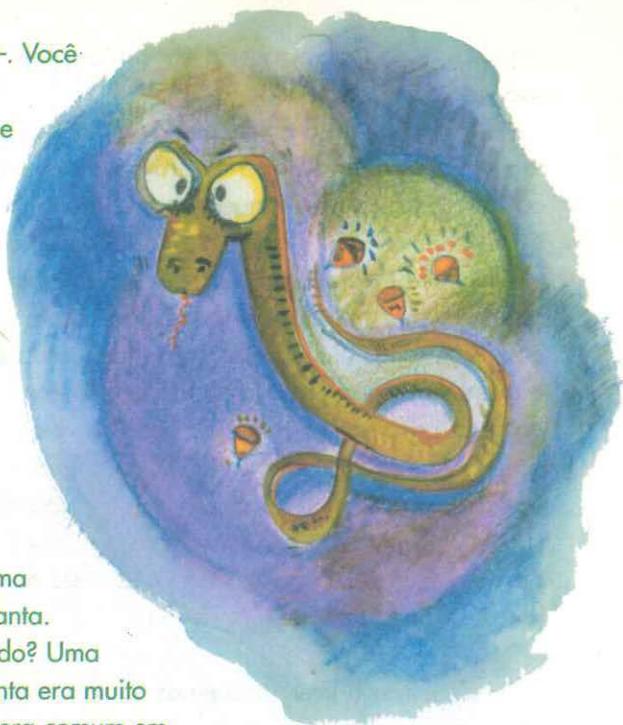
—O que havia acontecido? Uma coisa muito simples: a planta era muito sensível, uma planta que era comum em Buenos Aires, e que tem a particularidade de que suas folhas se fecham ao menor contato. Mas nossa aventura acontecia no estado de Misiones, onde a vegetação é exuberante e as folhas das plantas são muito grandes e sensíveis. Então, quando a abelha tocou nas folhas elas se fecharam, ocultando completamente o inseto.

A inteligência da cobra não havia percebido este fenômeno; mas a abelha era muito observadora, e se aproveitava disso para salvar sua vida.

A cobra não disse nada, mas ficou muito irritada com a derrota, tanto que a abelha teve que passar toda a noite lembrando a cobra que existia uma promessa e ela devia ser respeitada.

Foi uma noite longa, sem fim, as duas ficaram encostadas na parede mais alta da caverna, porque a tormenta havia começado, e a água entrava por todos os cantos.

Estava muito frio e escuro. De vez em quando, a cobra sentia



impulsos de lançar-se sobre a abelha, e então a abelha acreditava que sua vida estava acabando.

A abelhinha nunca acreditou que uma noite poderia ser tão gelada, tão longa, tão ruim. Ela se lembrava da sua vida anterior, dormindo na colmeia todas as noites, quentinha. Chorava em silêncio.

Quando chegou o dia, e o sol saiu pois o céu estava limpo, a abelhinha voou e chorou outra vez em silêncio, na porta da colmeia realizada pelo trabalho de toda a família. As abelhas do plantão deixaram a abelhinha passar, sem dizer nada, pois compreenderam que a que voltava não era a preguiçosa, mas era uma abelha que em uma noite só havia obtido uma dura lição de vida.

E assim foi como aconteceu. Depois disso, a abelhinha passou ser a que mais pólen recolheu, a que mais mel fabricou. E quando o outono chegou, e também chegou o fim dos seus dias, ela ainda teve tempo para deixar uma última lição de vida antes de morrer, para que as jovens abelhas pudessem aprender;

-Não é nossa inteligência mas nosso trabalho o que nos torna fortes. Eu usei minha inteligência apenas uma vez, e foi para salvar minha vida. Não teria precisado desse esforço se eu tivesse trabalhado como todas. Tenho me cansado tanto voando à toa quanto trabalhando. O que me faltava era a noção do dever, a que eu obtive aquela noite.

Trabalhem, companheiras, pensando que o fim dos nossos esforços -a felicidade de todos nós- é muito superior ao cansaço de cada um. Isto é o que os homens chamam de ideal, e eles estão certos. Não há outra filosofia na vida de um homem e de uma abelha.



LA ABEJA HARAGANA

HORACIO QUIROGA

Había una vez en una colmena una abeja que no quería trabajar, es decir, recorría los árboles uno por uno para tomar el jugo de las flores; pero en vez de conservarlo para convertirlo en miel, se lo tomaba del todo.



Era, pues, una abeja haragana. Todas las mañanas, apenas el sol calentaba el aire, la abejita se asomaba a la puerta de la colmena, veía que hacía buen tiempo, se peinaba con las patas, como hacen las moscas, y echaba entonces a volar, muy contenta del lindo día. Zumbaba muerta de

gusto de flor en flor, entraba en la colmena, volvía a salir, y así se lo pasaba todo el día mientras las otras abejas se mataban trabajando para llenar la colmena de miel, porque la miel es el alimento de las abejas recién nacidas.

Como las abejas son muy serias, comenzaron a disgustarse con el proceder de la hermana haragana. En la puerta de las colmenas hay siempre unas cuantas abejas que están de guardia para cuidar que no entren bichos en la colmena. Estas abejas suelen ser muy viejas, con gran experiencia de la vida y tienen el lomo pelado porque han perdido todos los pelos de rozar contra la puerta de la colmena.

Un día, pues, detuvieron a la abeja haragana cuando iba a entrar, diciéndole:

—Compañera: es necesario que trabajes porque todas las abejas debemos trabajar.

La abejita contestó:

—Yo ando todo el día volando, y me canso mucho.

—No es cuestión de que te canses mucho —respondieron—, sino que trabajes un poco. Es la primera advertencia que te hacemos.

Y diciendo así la dejaron pasar.

Pero la abeja haragana no se corregía. De modo que a la tarde siguiente las abejas que estaban de guardia le dijeron:

—Hay que trabajar, hermana.

Y ella respondió enseguida:

—¡Uno de estos días lo voy a hacer!

—No es cuestión de que lo hagas uno de estos días —le respondieron— sino mañana mismo. Acuérdate de esto.



Y la dejaron pasar.

Al anochecer siguiente se repitió la misma cosa. Antes de que le dijeran nada, la abejita exclamó:

-¡Sí, sí, hermanas! ¡Ya me acuerdo de lo que he prometido!

-No es cuestión de que te acuerdes de lo prometido -le respondieron-, sino de que trabajes. Hoy es 19 de abril. Pues bien: trata de que mañana, 20, hayas traído una gota siquiera de miel. Y ahora, pasa.

Y diciendo esto, se apartaron para dejarla entrar.

Pero el 20 de abril pasó en vano como todos los demás.

Con la diferencia de que al caer el sol el tiempo se descompuso y comenzó a soplar un viento frío.

La abejita haragana voló apresurada hacia su colmena, pensando en lo calentito que estaría allá dentro. Pero cuando quiso entrar, las abejas que estaban de guardia se lo impidieron.

-¡No se entra! -le dijeron fríamente.

-¡Yo quiero entrar! -clamó la abejita-. Ésta es mi colmena.

-Esta es la colmena de unas pobres abejas trabajadoras -le contestaron las otras-. No hay entrada para las haraganas.

-¡Mañana sin falta voy a trabajar! -insistió la abejita.

-No hay mañana para las que no trabajan -respondieron las abejas, que saben mucha filosofía.

Y esto diciendo la empujaron afuera.

La abejita, sin saber qué hacer, voló un rato aún; pero ya la noche caía y se veía apenas. Quiso cogerse de una hoja, y cayó al suelo. Tenía el cuerpo entumecido por el aire frío, y no podía volar más.

Arrastrándose entonces por el suelo, trepando y bajando de los palitos y piedritas, que le parecían montañas, llegó a la puerta de la colmena, a tiempo que comenzaban a caer frías gotas de lluvia.

-¡Ay, mi Dios! -clamó la desamparada-. Va a llover, y me voy a morir de frío.

Y tentó entrar en la colmena.

Pero de nuevo le cerraron el paso.

-¡Perdón! -gimió la abeja-. ¡Déjenme entrar!

-Ya es tarde -le respondieron.

-¡Por favor, hermanas! ¡Tengo sueño!
-Es más tarde aún.
-¡Compañeras, por piedad! ¡Tengo frío!

-Imposible.

-¡Por última vez! ¡Me voy a morir!

Entonces le dijeron:

-No, no morirás. Aprenderás en una sola noche lo que es el descanso ganado con el trabajo. Vete.

Y la echaron.

Entonces, temblando de frío, con las alas mojas y tropezando, la abeja se arrastró, se arrastró hasta que de pronto rodó por un agujero; cayó rodando, mejor dicho, al fondo de una caverna.

Creyó que no iba a concluir nunca de bajar. Al fin llegó al fondo, y se halló bruscamente ante una víbora, una culebra verde de lomo color ladrillo, que la miraba enroscada y presta a lanzarse sobre ella.

En verdad, aquella caverna era el hueco de un árbol que habían transplantado hacía tiempo, y que la culebra había elegido de guarida.

Las culebras comen abejas, que les gustan mucho. Por esto la abejita, al encontrarse ante su enemiga, murmuró cerrando los ojos:

-¡Adiós mi vida! Esta es la última hora que yo veo la luz.

Pero con gran sorpresa suya, la culebra no solamente no la devoró, sino que le dijo:

-¿Qué tal, abejita? No has de ser muy trabajadora para estar aquí a estas horas.

-Es cierto -murmuró la abeja-. No trabajo, y yo tengo la culpa.

-Siendo así -agregó la culebra, burlona-, voy a quitar del mundo a un mal bicho como tú. Te voy a comer, abeja.

La abeja, temblando, exclamó entonces:

-¡No es justo eso, no es justo! No es justo que usted me coma porque es más fuerte que yo. Los hombres saben lo que es justicia.

-¡Ah, ah! -exclamó la culebra, enroscándose ligero-. ¿Tú conoces bien a los hombres? ¿Tú crees que los hombres que les quitan la miel a ustedes, son más justos, grandísima tonta?

-No, no es por eso que nos quitan la miel -respondió la abeja.



-¿Y por qué entonces?

-Porque son más inteligentes.

Así dijo la abejita. Pero la culebra se echó a reír, exclamando:

-¡Bueno! Con justicia o sin ella, te voy a comer; apróntate.

Y se echó atrás, para lanzarse sobre la abeja. Pero ésta exclamó:

-Usted hace eso porque es menos inteligente que yo.

-¿Yo menos inteligente que tú, mocosa? -se rió la culebra.

-Así es -afirmó la abeja.

-Pues bien -dijo la culebra-, vamos a verlo. Vamos a hacer dos pruebas. La que haga la prueba más rara, esa gana. Si gano yo, te como.

-¿Y si gano yo? -preguntó la abejita.

-Si ganas tú -repuso su enemiga -, tienes el derecho de pasar la noche aquí hasta que sea de día. ¿Te conviene?

-Aceptado -contestó la abeja.

La culebra se echó a reír de nuevo, porque se le había ocurrido una cosa que jamás podría hacer una abeja. Y he aquí lo que hizo:

Salió un instante afuera, tan velozmente que la abeja no tuvo tiempo de nada. Y volvió trayendo una cápsula de semillas

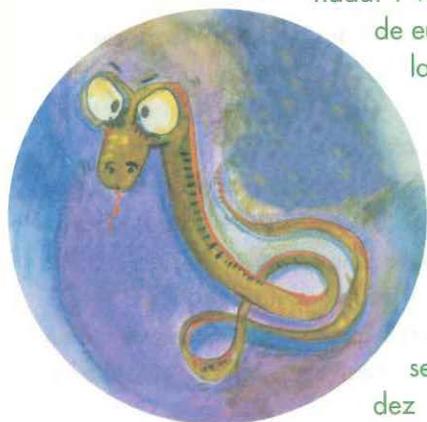
de eucalipto, de un eucalipto que estaba al lado de la colmena y que le daba sombra.

Los muchachos hacen bailar como trompos esas cápsulas, y les llaman trompitos de eucalipto.

-Esto es lo que voy a hacer -dijo la culebra-. ¡Fíjate bien, atención!

Y arrollando vivamente la cola alrededor del trompito como un piolín la desenvolvió a toda velocidad, con tanta rapidez que el trompito quedó bailando y zumbando como un loco.

La culebra se reía, y con mucha razón, porque jamás una abeja ha hecho ni podrá hacer bailar a un trompito. Pero cuando el trompito, que se había quedado dormido zumbando, como les pasa a los trompos de naranjo, cayó por fin al suelo, la abeja dijo:



-Esa prueba es muy linda, y yo nunca podré hacer eso.

-Entonces, te como -exclamó la culebra.

-¡Un momento! Yo no puedo hacer eso; pero hago una cosa que nadie hace.

-¿Qué es eso?

-Desaparecer.

-¿Cómo? -exclamó la culebra, dando un salto de sorpresa- ¿Desaparecer sin salir de aquí?

-Sin salir de aquí.

-¿Y sin esconderte en la tierra?

-Sin esconderme en la tierra.

-Pues bien, ¡hazlo! Y si no lo haces, te como enseguida -dijo la culebra.

El caso es que mientras el trompito bailaba, la abeja había tenido tiempo de examinar la caverna y había visto una plantita que crecía allí. Era un arbustillo, casi un yuyito, con grandes hojas del tamaño de una moneda de dos centavos.

La abeja se arrimó a la plantita, teniendo cuidado de no tocarla, y dijo así:

-Ahora me toca a mí, señora Culebra. Me va a hacer el favor de darse vuelta, y contar hasta tres. Cuando diga "tres", búsqieme por todas partes, ¡ya no estaré más!

Y así pasó, en efecto. La culebra dijo rápidamente:

"Uno..., dos..., tres", y se volvió y abrió la boca cuan grande era, de sorpresa: allí no había nadie. Miró arriba, abajo, a todos lados, recorrió los rincones, la plantita, tanteó todo con la lengua. Inútil: la abeja había desaparecido.

La culebra comprendió entonces que si su prueba del trompito era muy buena, la prueba de la abeja era simplemente extraordinaria. ¿Qué se había hecho? ¿Dónde estaba?

No había modo de hallarla.

-¡Bueno! -exclamó por fin-. Me doy por vencida. ¿Dónde estás?

Una voz que apenas se oía -la voz de la abejita- salió del medio de la cueva.

-¿No me vas a hacer nada? -dijo la voz. -¿Puedo contar con tu juramento?

-Sí -respondió la culebra-. Te lo juro. ¿Dónde estás?

-Aquí -respondió la abejita, apareciendo súbitamente de entre una hoja cerrada de la plantita.

-¿Qué había pasado? Una cosa muy sencilla: la plantita en cuestión era una sensitiva, muy común también aquí en Buenos Aires, y que tiene la particularidad de que sus hojas se cierran al menor contacto. Solamente que esta aventura pasaba en Misiones, donde la vegetación es muy rica, y por lo tanto muy grandes las hojas de las sensitivas.

De aquí que al contacto de la abeja, las hojas se cerraron, ocultando completamente al insecto.

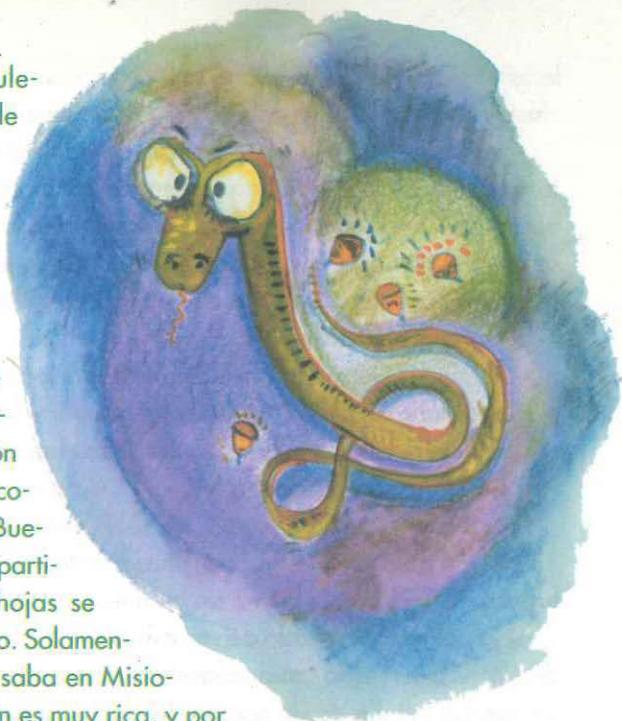
La inteligencia de la culebra no había alcanzado nunca a darse cuenta de este fenómeno; pero la abeja lo había observado, y se aprovechaba de él para salvar su vida.

La culebra no dijo nada, pero quedó muy irritada con su derrota, tanto que la abeja pasó toda la noche recordando a su enemigo la promesa que había hecho de respetarla.

Fue una noche larga, interminable, que las dos pasaron arrimadas contra la pared más alta de la caverna, porque la tormenta se había desencadenado, y el agua entraba como un río adentro.

Hacía mucho frío, además, y adentro reinaba la oscuridad más completa. De cuando en cuando la culebra sentía impulsos de lanzarse sobre la abeja, y ésta creía entonces llegado el término de su vida.

Nunca, jamás, creyó la abejita que una noche podría ser tan fría, tan



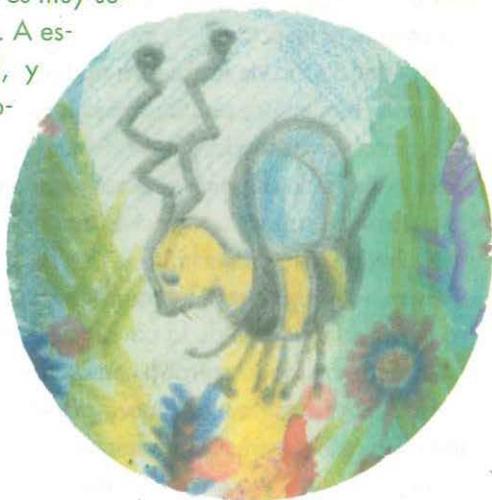
larga, tan horrible. Recordaba su vida anterior, durmiendo noche tras noche en la colmena, bien calentita y lloraba entonces en silencio.

Cuando llegó el día, y salió el sol, porque el tiempo se había compuesto, la abejita voló y lloró otra vez en silencio ante la puerta de la colmena hecha por el esfuerzo de la familia. Las abejas de guardia la dejaron pasar sin decirle nada, porque comprendieron que la que volvía no era la paseandera haragana, sino una abeja que había hecho en sólo una noche un duro aprendizaje de la vida.

Así fue, en efecto. En adelante, ninguna como ella recogió tanto polen ni fabricó tanta miel. Y cuando el otoño llegó, y llegó también el término de sus días, tuvo aún tiempo de dar una última lección antes de morir a las jóvenes abejas que la rodeaban:

—No es nuestra inteligencia, sino nuestro trabajo quien nos hace tan fuertes. Yo usé una sola vez de mi inteligencia, y fue para salvar mi vida. No habría necesitado de ese esfuerzo, si hubiera trabajado como todas. Me he cansado tanto volando de aquí para allá, como trabajando. Lo que me faltaba era la noción del deber, que adquirí aquella noche.

Trabajen, compañeras, pensando que el fin a que tienden nuestros esfuerzos —la felicidad de todos— es muy superior a la fatiga de cada uno. A esto los hombres llaman ideal, y tienen razón. No hay otra filosofía en la vida de un hombre y de una abeja.



HORACIO QUIROGA

Es uno de los mayores cuentistas del Uruguay. Nació en la ciudad de Salto, el 31 de diciembre de 1878, hijo de madre uruguaya y de padre argentino, radicado en nuestro país.

Sus primeros relatos, poemas y ensayos son publicados en la *Revista de Salto* que él dirigía (1899). En 1900 emprende un breve viaje a París. En 1904 publica en Buenos Aires su libro de cuentos *El crimen del otro*, que incluye relatos muy influenciados por Edgar Allan Poe, el primero de sus maestros. Empieza a colaborar en *Caras y Caretas* y en *La Nación* de Buenos Aires. En 1908 da a conocer su novela *Historia de un amor turbio*. Se enamora de una de sus alumnas, y a pesar de la oposición violenta de los padres de ésta, se casa con ella y van a vivir a Misiones. En 1916 publica varios cuentos en revistas de Buenos Aires, que luego recogería en su libro *Cuentos de Amor, de locura y de muerte*. Los *Cuentos de la Selva* (para niños, 1918) es su siguiente colección que reúne ocho relatos. Dos años después aparece *El salvaje*, integrado por quince cuentos. El 17 de febrero de 1921 se lleva a escena en el teatro Apolo de Buenos Aires, *Las sacrificadas*, obra en cuatro actos, la única incursión de Quiroga en el teatro. Del mismo año es la publicación del libro *Anaconda*, con diecinueve relatos. En 1924 publica un nuevo volumen de cuentos bajo el título de *El desierto*, y al año siguiente diecisiete relatos en un libro titulado *La gallina degollada y otros cuentos*.

En 1926 se edita en Buenos Aires el volumen más representativo, personal y maduro de Quiroga, con el título de *Los desterrados* (siete cuentos), con el cual alcanza la cúspide de su carrera de narrador.

Entre otros libros (editados en ediciones póstumas) merecen citarse aquellos que recogen la teoría literaria de Quiroga, sus concepciones sobre el arte, el artista y el cuento. Entre esos textos se destacan: *Decálogo del perfecto cuentista* (1927), *La crisis del cuento nacional* (1928), *La retórica del cuento* (1928) y *Ante el Tribunal* (1930). En 1935 aparece su último libro: *Más allá*, integrado por cuentos de años anteriores. En setiembre de 1936 regresa a Buenos Aires para ser operado de cáncer. Enterado de la naturaleza de su enfermedad, y no pudiendo superar la situación, se suicida el 19 de febrero del mismo año.



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

